

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte Folhetim - Folha de São Paulo

Class.: H1R00283

Data 18 de fevereiro de 1979

Pg.: _____



Correndo da polícia

Márcio Souza

Realmente o meu Amazonas poderia ser o paraíso dos linguistas. Como se não bastasse a constante entrada no mercado da palavra de jargões forjados pela mente criadora de nossos tecnocratas, a minha terra é uma babel linguística insuspeita. Falam-se, só na área do Rio Negro, para surpresa de todos, mais de trinta línguas diferentes, onde o português não passa da língua dominante.

Tenho uma amiga, portadora de três doutorados no campo da linguística, praticamente paralisada pela riqueza que a minha terra apresenta em termos da formação social e histórica de um povo até agora reduzido ao silêncio. É mais uma das muitas formas de manifestação do paradoxo amazônico: muitas línguas em muitas bocas para um constrangedor silêncio nacional.

Mas não é sobre problemas linguísticos que estamos a fim de conversar. É claro que ao

colocar em poucas linhas o problema da babel linguística, estou procurando fundamentar alguns fatos que se enlaçam e se misturam ao processo político que a região amazônica começa a enfrentar neste final de século e neste começo de "abertura" política.

Quando no final do ano passado anunciaram os chamados "contratos de risco", para a exploração da floresta amazônica, a veiculação da notícia em Manaus provocou as mais diversas reações, algumas saborosas e claramente definidas no campo da confusão semântica. Assim, um amigo meu, índio tukano, depois de correr da polícia durante uma manifestação contra os referidos "contratos" veio me perguntar o verdadeiro significado da palavra polícia. Tentei dar uma explicação não política, à margem do dicionário de mestre Aurélio, o que parece ter aumentado ainda mais a confusão. Meu amigo respondeu

que tinha sido exatamente este o significado que havia aprendido na Missão Salesiana, e como todas as outras palavras da língua portuguesa, da língua do branco, ela parecia ter um significado no papel e outro na realidade. Para o meu amigo índio, a palavra polícia é intraduzível em tukano, uma língua de pronúncia doce e anasalada. O conceito mais perto que ele podia encontrar, em sua própria cultura, era exatamente a palavra que definia o guardião da roça, geralmente um jovem, destacado para espreitar as investidas de porcos do mato, queixadas e certos pássaros que podiam danificar a plantação.

Quer dizer, para ele a polícia não passava de um corpo de brancos para guardar o roçado dos brancos. E era aí que estava o rolo. Como é que a polícia tinha então baixado a lenha no povo, naquela manhã em Manaus, pelo simples fato do povo estar defendendo a floresta? — fato por si só absurdo, porque a floresta não precisa de defesa e para um índio quem deve se defender é o homem, um ente frágil criado a partir de enfeites de penas. Meu amigo índio estava fascinado pelas bordunas (cassetetes) e pela parafernália da tropa de choque que tinha cercado o povo. Pensou, no início que eram índios ianomamy, guerreiros ferozes do alto Rio Negro, hábeis maneja-dores de porretes com o qual lutam e até se divertem.

O certo é que o meu amigo não estava muito longe da verdade, quando pensou que os policiais fossem índios. Um rápido olhar para aqueles cabiocos fardados de azul confirmava a origem de cada um. Mas ao investirem contra os manifestantes, como verdadeiros ianomamy, jogavam por terra essa identidade. Nós todos corremos e quando me considerei a salvo da polícia, meu amigo voltou a me questionar sobre as contradições da língua dos brancos Otegente, pondo os bofes para fora, respondi:

Quando você estiver emancipado, vai entender tudo isto!